

«POBRE GALEGO?» IDEIA E REPRESENTAÇÃO DOS EMIGRANTES GALEGOS NA LITERATURA DE VIAGENS EM PORTUGAL DE OITOCENTOS

NUNO RESENDE
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM
nmendes@letras.up.pt

RESUMO: O presente artigo pretende questionar, analisar e interpretar as fontes literárias, nomeadamente a literatura de viagens, como contributo para a reconstituição de tipos sociais à luz da História da Arte. Para tal utilizámos, como caso de estudo, a figura do galego, glosada ao longo do século XX português na literatura nacional. Corresponderá essa figura, imagem ou identidade, à que os estrangeiros de visita a Portugal constroem com os seus relatos e registos, escritos e visuais? Para responder a esta questão propomos o recorte de descrições e expressões que podem contribuir para a construção de uma «iconografia de identidade» desse grupo social que a imigração conduziu ao nosso país em sucessivas vagas e gerações ao longo de oitocentos.

PALAVRAS-CHAVE: galego, identidade, iconografia, literatura, viagem.

ABSTRACT: The present article aims to question, analyze and interpret literary sources, namely the travel literature, as a contribution to the reconstitution of social types with the discipline of History of Art. We use as a case study, the Galicians, noticed and documented throughout the 20th century by the Portuguese writers. Does this figure, image or identity correspond to what foreigners visiting Portugal during the same century construct with their written and visual reports and records? To answer this question, we propose to focus on descriptions that can contribute to the construction of an «iconography of identity» of this social group that immigration has led to our country in successive waves and generations during the XIXth century.

KEYWORDS: galician, identity, iconography, literature, travels.

[...] *o galego dos fretes, da água, dos recados – o galego que pelo S. João e Natal, se não conduz a fortuna de Roma na barca de César, carrega pelo menos nas costas a fortuna inteira de meia Lisboa (e mais não arreventa) – o galego que lida, sua, canta na taberna, dorme na pocilga, dança em Santo Amaro, e morre no hospital – o galego leva a pedra de ara, vai ver serrar a velha, e apanha pelos focinhos, durante o Entrudo, com a luva besuntada de azeite e pós de sapatos – o galego, enfim, que os saloios dizem chiça, os marujos grunhem como porco às orelhas, e os garotos furam por debique ao barril...*

ALEXANDRE HERCULANO, *O Galego*

Introdução

O galego é um figurante na sociedade portuguesa do século XIX. Já o era antes e sê-lo-á depois, mas é na centúria de oitocentos que mais parece destacar-se como personagem social, amiúde com papéis secundários e menos vezes enquanto actor principal, como documentam as principais obras literárias do século, com especial destaque para a de Camilo Castelo Branco.

Não é, contudo, nosso propósito elaborar uma síntese das referências sobre o galego na literatura portuguesa. Esse trabalho tem sido feito, por exemplo, no já citado caso de Camilo que gizava, quase pintando (ainda que ou em pinceladas suaves ou demasiado fortes) o retrato de galegos aguadeiros, carregadores, mensageiros, etc¹. Também Alexandre Herculano o incluiu entre os tipos nacionais, como se vê pelo excerto acima².

Não é, de resto, novo o interesse sobre o perfil do galego na literatura e na memória nacionais. Para gizarmos esse esboço, têm alguns autores examinado não só os romances, mas os periódicos e os abundantes registos etnográficos³ que documentam uma intemporal presença galega em Portugal⁴.

1 RODRÍGUEZ, José Luís; TORRES FEIJÓ, Elias J. – *A Galiza e os Galegos na prosa de Camilo*. In *Congresso Internacional de Estudos Camilianos*. Coimbra: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, 1994.

2 HERCULANO, Alexandre – *O pároco de aldeia*. Porto: Lello & Irmão – editores, [1981], p. 233-234. Sobre o estudo do galego na sua obra ver BEIRANTE, Cândido F. B. – *A Galiza e os galegos na obra de Alexandre Herculano*. In HENRÍQUEZ SALLIDO, Maria do Carmo (ed.) – *Actas do III Congresso Internacional de Estudos Galegos*. Sada: Edicións do Castro, 1992, p. 25-38.

3 Cf. CABRAL, António – *Historinhas de Galegos no Douro*. «Douro: Estudos & Documentos». Vol. 9. n.º 17 (2004). p. 181-193. Para além do trabalho deste escritor devemos à obra de outro, também regional, João Araújo Correia, as informações de carácter antropológico e memorialista sobre a presença de galegos no Douro. Recentemente o historiador Gaspar Martins Pereira publicou um interessante estudo sobre a questão, cf. PEREIRA, Gaspar Martins – *Trabalhadores galegos no Douro vinhateiro*. In *Vindos de longe: estrangeiros no Douro. Atas das Quartas Conferências do Museu de Lamego* (CITCEM – 2016). Lamego: Museu de Lamego/CITCEM, 2016, p. 81-91.

4 A este respeito veja-se a mais recente síntese sobre o tema da imigração galega para Portugal, cf. ALVES, Jorge Fernandes – *Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas*. In EIRAS ROEL, António;

Recentemente foi apresentado o «imagotipo» do galego na memória portuguesa, que a partir do conceito de imagiologia, ou discurso de representação, expõe a construção da ideia ou «imagem portuguesa dos galegos»⁵. O autor, Carlos Pazos-Justo, serve-se de um conjunto variado de textos, não só literários, para definir esse «imagotipo», que duplica em negativo ou positivo.

À falta de melhor designação e tendo em conta o tipo e o recorte das fontes que utilizaremos, assim como dos resultados que pretendemos obter, designaremos o nosso conceito operativo de «iconografia identitária», definido como o conjunto de características materiais ou físicas, imateriais ou sensoriais que contribuem para criar a ideia, representação ou imagem de um certo grupo social. Naturalmente tomamos à Sociologia a noção de grupo social que inclui, não só as relações entre os indivíduos, mas a consciência das mesmas através da sua representação interna (no grupo) e externa. À Antropologia pedimos o uso do conceito de alteridade para aferir dessa percepção externa, que coloca no galego na posição do Outro, do observado - fora ou exteriormente do/ao seu grupo e à sua origem.

Cabe ao investigador recortar, sistematizar e comparar as tais características, obtidas pela leitura ou observação directa de, no caso da literatura, expressões ou descrições e, no caso das fontes visuais (como os desenhos ou gravuras tantas vezes associados ao capital literário) formas, cores, gestos e composições que ajudam a compreender a figura ou o grupo social em estudo.

Tais representações, ideias ou imagens do galego têm, porém, sofrido alterações ao longo da história. Dependendo das circunstâncias sociais, políticas, económicas e ideológicas talvez não possamos falar numa imutável representação diacrónica, senão em recortes sincrónicos que vão construindo e desconstruindo a personagem ou a «figura galego», categoria ou tipologia social dependente de inúmeras variáveis, entre as quais os binómios Galiza-Castela/Espanha e Galiza-Portugal, ou ainda as transformações pelas quais passou a sociedade portuguesa ao longo de todo o século XIX nomeadamente em relação às crises políticas e aos fenómenos migratórios⁶.

GONZALEZ LOPO, Domingo Gonzalez (coord.) – *Movilidad e migracións internas na Europa Latina*. Unesco: Santiago de Compostela, 2002, p. 117-126. Também na arte e na arquitectura se tem procurado testemunhos dessa mobilidade entre a Galiza e Portugal, cf. ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Pedreiros galegos no noroeste português no século XVIII*. In *Las relaciones artísticas entre España y Portugal: artistas, mecenas y viajeros: actas*. Olivença: [s.n.], 1993, p. 143-156.

5 PAZOS-JUSTO, Carlos – *A imagem da Galiza em Portugal: de João de Redondella a Os Galegos são nossos irmãos*. [s.l.]: AGAL, 2016.

6 Apontámos os casos de tensão social e de xenofobia, como o antigaleguismo, que se desenvolveu, por exemplo, durante o primeiro liberalismo como nota Marianne Baillie que, em 1821, documentou o desencadeamento de violência contra os galegos – a quem alguns sectores da sociedade imputavam o roubo de postos de trabalho portugueses, cf. BAILLIE, Marianne – *Lisbon in the years 1821, 1822 and 1823*. Londres: [John Murray, Albemarle-

Este trabalho não pretende, portanto, terminar a discussão sobre, primeiro, como se pode (re)construir uma representação social, comunitária ou até étnica, a partir de fontes, neste caso literárias; e, depois, encerrar a questão do papel ou papéis que os galegos desempenharam na sociedade e na economia portuguesa de oitocentos – dada a multiplicidade de testemunhos, estudos e questões ainda em aberto sobre este tema.

O presente ensaio surgiu de uma reflexão centrada no universo da História da Arte, ou de como esta disciplina pode contribuir com metodologias e elementos teóricos para aqueles temas ou questões.

Poderá a História da Arte participar na reconstituição de representações identitárias? Poderá a disciplina contribuir para questionar a apresentação e interpretação das culturas a partir de fontes documentais ou não-visuais?

É certo que a arte trouxe até nós um conjunto de registos visuais capazes de «mostrar» uma ideia sobre o galego enquanto tipo social. Pinturas, desenhos, fotografias (a partir da década de 1840) e bilhetes-postais, mostram-nos o tal actor, principal ou secundário, desempenhando as «suas» funções, mais ou menos discretas, no vasto palco português (figuras 1 e 2). Mas revela-se quanto a nós, material insuficiente e redutor na sua dimensão física e documental pois se dele dependêssemos exclusivamente, obteríamos uma mera representação bidimensional, *clichés* – para utilizar uma expressão fotográfica – do aguadeiro, do carregador ou do mensageiro, como o retrata Herculano.

Tentaremos, assim, com base em obras literárias de eminente carácter descritivo – os livros de viagens – reconstituir a representação visual do indivíduo galego na história portuguesa do século XIX. Representação cultural, portanto, indissociável das suas características físicas, ocupacionais e até psicológicas que procuraremos recortar em narrativas de viagem.

«O que é um galego»⁷?

Naturalmente que galego ou galega define, dicionaristicamente, o indivíduo natural da Galiza. Esta região-província de Espanha constitui uma das realidades geográficas mais vincadas da península ibérica, delimitada a norte e oeste pelo mar, a sul pelo rio Minho e a nascente pelas montanhas Asturianas.

O galego reconhece-se a si mesmo nas diferenças com Castela, acentuadas pelas dissensões ideológicas e partidárias que o foram apartando de Madrid. Mas reconhece-se, também, pelas idiosincrasias, plasmadas culturalmente nos universos erudito e popular, em práticas, modos de ser e sentir e obras artísticas,

-Street], 1824, volume 2, p. 86.

7 Pergunta que faz Alexandre Herculano, cf. HERCULANO, Alexandre – Ob. cit., p. 227.

nomeadamente as de morfologia arquitectónica, desde os cruzeiros e as ermidas, até ao grande santuário de São Tiago Maior em Compostela.

Fora do seu rincão geográfico, a imagem dos galegos toma formas diversas consoante os seus interlocutores e observadores.

Mercê de circunstâncias económicas que alguns historiadores explicam através da desamortização e pulverização da propriedade, o galego chegou a Portugal como assalariado disposto a conquistar um lugar não ocupado pelo português, substituindo a mão-de-obra barata vaga, segundo alguns, pela supressão da escravatura. Assim o concluem, talvez simplistamente historiadores e alguns dos viajantes que deixaram testemunho sobre o quotidiano dos galegos em Portugal.

Segundo escritores dos finais do século XVIII e inícios do século XIX eram, nesse período, 80 mil os galegos imigrantes em Portugal⁸. À medida que o século vai avançando, apontam-se outros números para Lisboa, Porto e para o Douro – os três principais destinos nesta geografia da emigração e das migrações sazonais. Por volta de 1855 seriam 3 mil os aguadeiros galegos em Lisboa e no Douro cerca de 8000 trabalhadores que faziam todo o trabalho braçal mais duro: «os portugueses só faziam as vindimas»⁹.

Mas os números são diversos. Segundo outro viajante, ainda em finais do século XVIII, no Porto, trabalhavam e moravam 8 mil galegos, enquanto em todo o reino James Murphy estimava serem 50 mil os naturais da Galiza que procuravam em Portugal o seu sustento¹⁰. Na mesma altura, um oficial inglês que anonimamente publicou uma coleção epistolográfica sobre as suas viagens na *Barbárie* (França, Espanha e Portugal) chega a afirmar que a Galiza exportava dois produtos: gado e pessoas¹¹.

São, de facto, as descrições dos viajantes estrangeiros em Portugal nos séculos XVIII, XIX e XX que parecem contribuir para um desenho mais acabado do imigrante galego. Os seus testemunhos, ainda que contaminados de considerações etnocêntricas (como prova o título da obra de 1788 que chama «barbárie» ao conjunto de países França, Espanha e Portugal), constituem, não obstante, valiosos elementos de estudo, dissecação e comparação com outros registos da mesma época¹².

8 Importa confrontar esta indicação, decerto generalista, com o já referido trabalho de ALVES, Jorge Fernandes – *Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900)*. Algumas notas. Ob. cit., p. 117-126.

9 MURRAY, John – *Handbook for travellers in Portugal*. Londres: John Murray, Albermale Street, 1855, p. 169.

10 A sua observação decorre da viagem realizada em 1788, cf. MURPHY, James – *Travels in Portugal [...]*. Londres: [Printed for A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies (Successors to Mr. Cadell) in the Strand], 1795, p. 16 (ver excerto adiante).

11 [S.a.] - *Letters from Barbary, France, Spain, Portugal [...]* by an english officer. Londres: [T. Cadell], 1788, p. 58.

12 Sobre esta questão ver CHAVES, José Adjuto Castelo Branco – *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII*

É, pois, a um conjunto de fontes literárias, de carácter epistolográfico e diarístico, redigido aquando de deslocações ao território português entre finais do século XVIII e os primeiros anos do século XX que dirigiremos a nossa atenção para tentar construir um perfil da ideia do galego, do seu papel e da sua dimensão social e ideológica na sociedade portuguesa de oitocentos.

Resulta importante assinalar esta terceira voz, para além da dos próprios galegos¹³ e das dos portugueses, ambas comprometidas com preconceitos e preconceitos nacionalistas e rácicos ao longo dos últimos 200 anos; os primeiros pretendendo construir a ideia de um povo submisso, mas desejoso de autonomia, os segundos, sublinhando a diferença com o Outro, sacrificando por isso a sã convivência e as reflexões imparciais.

Ao diálogo, nem sempre pacífico, entre ambas culturas (a portuguesa e a galega), junta-se assim o registo de terceiros, como veremos maioritariamente ingleses que, ao longo de toda a centúria de oitocentos, escolheram a península ibérica e, em particular, Portugal para apresentar a sua versão do decurso da História.

Os viajantes

De um conjunto de 65 livros que identificámos como registos escritos de viagens de estrangeiros a Portugal, publicados entre 1775 e 1912 lográmos reconhecer 24 obras (ver Apêndice 1 e fontes primárias) cujos autores mencionam os galegos. Graças aos repositórios digitais e aos motores de busca em-linha é hoje possível a qualquer investigador aceder a um universo mais vasto de fontes e referências bibliográficas, explorando-as com maior celeridade e recorrendo a uma sistematização da informação nelas contidas que não era possível há 20 ou 30 anos atrás.

Aproveitando, portanto, estes canais e as ferramentas disponíveis, levantados graças ao cruzamento de buscas por palavras-chave ao aproveitamento de informações intertextuais, estabelecemos um quadro em que do universo referido recortamos um corpo de fontes designadas como «literatura de viagens».

Esta categoria, embora seja definida como o género literário que regista e narra a experiência de um ou mais indivíduos durante uma jornada ou percurso, pode ser apresentada sobre formas tão diversas como cartas, romances, poesia,

e a sua projecção europeia. Venda Nova: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

13 Esta voz existiu, infelizmente silenciosa e só reproduzida através dos seus interlocutores. Uma massa de imigrantes analfabetos e iletrados não deixou mais do que os outros o viram dizer ou fazer. Não deixa contudo de ser interessante que, no início do século XX, após a República, Eduardo de Noronha tenha dado voz ao Galego como personagem principal de um romance, cf. NORONHA, Eduardo de – *Memórias de um galego*. Porto: Magalhães e Moniz, 1912.

mas também desenhos e fotografias e pode resultar de autorias tão diversas quanto o número de viajantes. Efectivamente à medida que a viagem tomou um carácter menos religioso e mais secular, que a mecanização e a industrialização favoreceram novos meios de locomoção, mais rápidos e mais económicos, o registo das viagens cresceu em função do galopante número daqueles que se deslocavam, já não por razões religiosas, políticas ou militares, como os que o faziam durante a Idade Média e a Época moderna, mas por razões culturais, de ócio e de ilustração.

Naturalmente que o tempo do *Grand Tour* (séculos XVII-XIX) constitui uma mudança na forma como os indivíduos entendem a viagem e como a executam¹⁴. Instrumento ou exercício de conhecimento e aprendizagem, como já o era antes para artistas que circulavam pela Europa até Roma, ou mercadores a construir relações comerciais, o *Grand Tour* serviu para estimular o registo escrito das viagens como forma ou meio de difusão cultural, mas também como produto político e ideológico, que interferiu no modo de ver. Chamamos por isso a atenção para o facto de o viajante-escritor não ser apenas um redactor, mas um construtor de consciências, de ideias, de reflexões fundadas (em parte) na observação directa. Este olhar antropológico é, como referimos e como veremos, perverso. Se por um lado, resulta de um contacto com uma alteridade desconhecida ao olhar, reflecte quase sempre um posicionamento desigual entre observador e observado. Importa, pois, fazer uma análise cuidada, não só dos testemunhos, mas de quem os testemunha pois à medida que avançamos no século XIX, centúria por excelência da produção daquele género literário, torna-se frequente que os relatos individuais se confundam neste caso numa «escritaria» de múltiplas opiniões.

De resto ao longo do século XIX afina-se, também, outro género, menos literário e mais técnico, que é o dos manuais de viajantes. Alimentados com as percepções e opiniões de múltiplos viajantes, desenvolvem ideias e concepções sobre os lugares a visitar que os posteriores visitantes já conhecem antes de partir¹⁵.

Voltando à categoria da literatura de viagens, como atrás a definimos, operamos novo recorte, desta vez cronológico, nas fontes a utilizar para reconstituir a ideia ou a representação dos Galegos em Portugal de oitocentos. Naturalmente que este recorte se fundamenta no prévio conhecimento histórico e literário e por extensão social do território português naquele século. Tendo à

14 A este respeito veja-se o nosso recente trabalho: RESENDE, Nuno – *Do Grand Tour à excursão: a jornada como diletância*. In MORAIS, Rui; REIS, José Costa (ed.) – *João Allen: coleccionar o Mundo*. Porto: DGPC/MNSR/Blue Book, 2018, p. 73-85.

15 Cf., por exemplo, o já citado «Handbook for travellers», de MURRAY, J. (1855).

cabeça Camilo Castelo Branco, que às suas personagens atribuiu frequentemente significados psicológicos e sociais questionámo-nos algumas vezes sobre qual seria efectivamente o papel dos Galegos no quotidiano, nas práticas, nos costumes e nas relações com os portugueses. De resto, abrir um romance de um autor português do século XIX e não encontrar um galego é caso raro. Também os periódicos são fecundos em alusões ao papel ou papéis, lugar e lugares dos galegos, geralmente subalternizados, diminuídos e até vexados – sobretudo em épocas de convulsão¹⁶.

Por outro lado a imagem pictórica e depois fotográfica fixou a personagem tipo: aguadeiro, carregador ou «galego de esquina», como a gravura publicada no «Archivo Pittoresco» em 1859¹⁷. Corresponde essa imagem (figura 3) à ideia do imigrante galego?

Procurámos, pois, um terceiro interlocutor, entre o erudito literário e a *vox populi* para confirmar ou contradizer a imagem que construímos do Galego. Afinal, como vêm os estrangeiros outro estrangeiro em Portugal?

As observações: escrita e representação.

O século XIX português é fecundo em registos literários fundados em viagens de estrangeiros. O seu estudo foi, ainda durante aquele século, instrumento político e intelectual, ora para justificar o atraso do país, ora para resgatar uma consciência nacionalista. Veja-se, por exemplo, o caso da polémica camiliana em torno das apreciações da Senhora Ratazzi sobre a vida portuguesa. No mesmo ano da polémica, em 1879 (e talvez por isso), surgiu a obra de Manuel Bernardes Branco, «Portugal e os estrangeiros»¹⁸ que constitui o primeiro repositório ou catálogo sobre obras de viajantes no nosso país.

Para complementar a visão que desejávamos obter sobre o século XIX, escolhemos autores cuja viagem a Portugal ocorreu antes e depois daquela centúria. As barreiras cronológicas impostas por uma divisão formal do tempo não se coadunam com questões como a que temos em mão. É necessário reunir o maior número de testemunhos para reconstituir uma ideia diacrónica dos Galegos. É possível? Ela existe?

Para respondermos a estas questões tivemos o cuidado de, primeiramente, traçar um perfil dos nossos interlocutores: a sua proveniência, a sua profissão e o seu estatuto e a data da viagem - que nem sempre coincide com o tempo da publicação das obras.

¹⁶ Ver nota seguinte.

¹⁷ Associada a um artigo profundamente antigaleguista, cf. [S.a.] - *O gallego d'esquina*. «Archivo Pittoresco». Vol. 2. (1859), p. 247-248.

¹⁸ BRANCO, Manuel Bernardes – *Portugal e os estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893-1895, 3 volumes.

Posto isto, desenhamos um «retrato-robô» dos nossos viajantes: homem, militar ou de profissão liberal, anglo-saxónico com idade a rondar os 45 anos. Das excepções sabemos pouco: 6 mulheres, aristocratas ou da alta sociedade, na maioria britânicas, um geógrafo francês e um congressista norte-americano.

É, portanto, um mundo essencialmente masculino e britânico, atraído a Portugal por questões diversas, muitas delas explicadas nos prefácios ou introduções às obras, mas que se resumem a questões políticas e militares (recordemos a presença inglesa em Portugal, das invasões francês à vitória do liberalismo) ou até de educação e ciência, como no caso do ornitólogo Alfred Charles Smith. Alguns visitam o reino de passagem, outros como destino, influenciados por leituras de outros viajantes antes deles.

Como britânicos, alguns deles clérigos, a maioria não deixa de colocar nas suas apreciações um tom crítico quanto a questões políticas e religiosas. O livro do reverendo William Morgan Kinsey, já publicado em edição comentada¹⁹, revela esse perfil de viajante crítico – que não pode ser ignorado quando tratamos a literatura de viagens como fonte histórica. Esta deve ser devidamente cotejada com outros registos, e comparada com obras similares, nomeadamente com relatos contemporâneos.

Foi o que fizemos com a amostragem literária escolhida: recortamos das obras as referências aos galegos, tendo em conta o seu contexto narrativo, e agrupámo-las em quatro categorias que considerámos adequadas para reconstituir a ideia ou a representação iconográfica daquela figura-tipo: **Características físicas; Características sociais; Apreciações estéticas e Comparações raciais.**

No primeiro campo procuramos referências dos viajantes à constituição física ou fisionómica e até psicológica dos galegos. São poucas as alusões e chegam-nos sob a forma afirmações muito reduzidas embora directas, como as do oficial Alexander Jardine, em 1779: «Small or short», «Short and thick»²⁰, ou as anotações de Marianne Baillie sobre os galegos de Lisboa: «remarkably athletic», «the younger among them are sometimes extremely fine men»²¹ - imagem com a qual concorda o reverendo Kinsey ao afirmar que eles têm «fine and manly appearance»²². Alexander James acrescenta, em 1835, uma dimensão psicológica à imagem, chamando-lhes «stout fellows»²³. Também nas anotações

19 MARTINS, Isabel Oliveira – *William Morgan Kinsey: uma ilustração de Portugal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

20 A obra publicou-se anónima, em 1788, mas é atribuída a Alexander Jardine, que visitou o país em 1779, segundo informação do texto. Cf. [S.a.], *ibid.*, 1788, p. 55.

21 BAILLIE, Marianne – *Lisbon in the years 1821, 1822 and 1823*. Londres: [John Murray, Albemarle-Street], 1824, volume 1, p. 86-87.

22 KINSEY, W.M. (rev.) – *Portugal Illustrated: in a serie of letters*. Londres: [Treuttel and Wurtz, Treuttel Jun. and Richter], 1829, p. 78.

23 ALEXANDER, James Edward – *Sketches in Portugal during the Civil War of 1834: with observations on the*

de um diário de viagem de uma anónima senhora inglesa se refere que os galegos de Lisboa eram «by no means unpleasing»²⁴.

A maioria das descrições prende-se com as **Características sociais e Comparações raciais**.

No primeiro caso, não podemos deixar de traduzir uma longa apresentação do fenómeno da imigração de galegos para Portugal que nos é fornecida pelo famoso arquitecto e antiquário James Murphy que, em visita ao Porto, em Dezembro de 1788, deixou registado:

*The labourers chiefly employed here are natives of Galicia, a province of Spain; hence they are called Galegos. Their number is computed at eight thousand in Oporto alone, and the whole kingdom is thought to contain not less than fifty thousand of these industrious adventurers. If this statement be correct (and I do not give it on light authority) and that each man lays up, on an average, eighteen pence per week; then the most profitable trade of Portugal is carried on by the Galicians; for their savings, according to this calculation, amount to one hundred and ninety-five thousand pounds per annum, which they carry to their own country. Those who have witnessed their manner of living, will admit that the sum is stated rather below than above the truth; for they are the most economic people in the world. They are fed gratuitously at the gates of the convents, lodged in cellars, estables, or cloisters and clothed in rags, in which they usually repose. Yet many of them possess lands and houses in their own country, whither they return at stated periods to divide their hard-earned pittance with their families; and finally retire, as soon as they have made sufficient to live independent of labour, to spend the evening of life in the simple enjoyment of domestic felicity. To the honour of this industrious race we should not forget to mention, that the allurements of gain have rarely been known to betray any of them to commit a dishonest action.*²⁵.

O texto de Murphy contém algumas das ideias pelas quais os galegos imigrantes em Portugal ficaram conhecidos: aventureiros (no sentido de destemidos?), industriais, poupados e honestos.

Em 1808, Robert Southey, um escritor britânico em Lisboa afirma que todos os galegos eram carregadores, «industrious and honest race»²⁶. Marianne

present *State and future prospects of Portugal*. Londres: James Cochrane and Co., Waterloo place, 1835, p. 7.

24 [S.a.] – *Portugal or the young travellers: being some account of Lisbon and its environs, and of a tour in the Alentejo, in which the customs and manners of the inhabitants are faithfully detailed*. Londres: Harvey and Darton, 1830, p. 25.

25 MURPHY, James – Ob. cit., p. 16.

26 SOUTHEY, Robert – *Letters written during a journey in Spain and a short residence in Portugal*. Londres:

Baillie, em 1824, repete o adjectivo «industrious»²⁷ e Jonh Gordon Smith, que passou por Lisboa antes de 1832, escreve que «they are a race of very peculiar character»²⁸.

A honestidade é um tópico recorrente nas descrições das comunidades de galegos de Lisboa e do Porto. Lady Jackson refere, na sua viagem a Portugal em 1873 que, sendo necessário um «trusty messenger» se chamava um galego, com hábitos «of industry and frugality»²⁹. É, aliás, uma das escritoras que mais disserta sobre o papel do galego na sociedade portuguesa, questionando-se sobre a forma quase desprezível como este era tratado.

Também Dorothy Quillinan classifica os galegos de Lisboa, em final do século XIX como «pleasant servants», «obligious» e «corteous», embora admita que quer galegos, quer os portugueses se dedicassem a pequenos roubos³⁰.

Apesar das qualidades pelas quais a maioria dos autores os reconhece, as narrativas não deixam de os caracterizar como pobres e a quem os portugueses entregavam os mais duros trabalhos: «poor as ragged», «beast» (R. Southey, 1808)³¹ ou «beasts of burden» (G. 1826)³², «voluntary slaves» (M. Baillie, 1824)³³ - em suma, e como sintetiza William Robert Wilde, de passagem por Lisboa em 1837: «They are remarkable for their honesty; and hardships they undergo are extraordinary»³⁴.

O adjectivo *pobre* é aqui aplicado no sentido social do termo: aquele que não tem bens ou necessita de ser amparado, como o eram, segundo refere Murphy, os galegos do Porto, que dormiam ao relento – imagem ao que parece reproduzida em Lisboa e descrita por Wilde que os viu a dormir junto às fontes onde trabalhavam durante o dia.

Mas se de facto a adjectivação pobre é, num primeiro sentido, indicativo do modo de vida dos galegos urbanos de Porto e Lisboa também o é como observação paternalista, que bem pode ser resumida na interjeição que titula este artigo e que extraímos da obra de Teixeira de Vasconcelos, a propósito dos

[Longman, Hurst, Rees, and Orme], 1808, volume 2, p. 65.

27 BAILLIE, Marianne – Ob. cit. Volume 2, p. 93.

28 SMITH, Jonh Gordon – *Santarem, or Sketches of society and manners in the interior of Portugal*. Londres: Fisher, Son, & Co., 1832, p. 125 (em nota).

29 JACKSON, Catherine Hannah Charlotte – *Fair Lusitania*. Londres: [Richard Bentley and Son], 1874, p. 78.

30 QUILLINAN, Dorothy Wordsworth – *Journal of a few months residence in Portugal, and glimpses of the south of Spain*. Londres: Edward Moxon, 1847, volume 1, p. 27.

31 SOUTHEY, Robert – Ob. cit., volume 2, p. 65.

32 G., A. P. D. – *Sketches of portuguese life, manners, costume and character*. Londres: [Printed for Geo. B. Whitaker], 1826, p. 75.

33 BAILLIE, Marianne – Ob. cit., volume 1, p. 87.

34 WILDE, W. R. – *Narrative of a voyage to Madeira, Teneriffe and along the shores of the Mediterranean, including a visit to Algiers, Egypt, Palestine, Tyre, Rhodes, Telmessus, Cyprus and Greece*. Dublin: William Curry, Jun. and Company, 1840, volume 1, p. 59.

galegos portuenses:

*Pobre gallego! Assim faz na terra, e por isso o tratam como vê quem por lá anda, e...digamos a verdade inteira...segundo a sua humilde condição merece*³⁵.

Fazendo um apanhado das funções que lhe são atribuídas pelos escritores, podemos definir um conjunto de ofícios que, segundo os viajantes, eram destinados aos galegos à chegada àquelas cidades: em primeiro lugar o de aguadeiro³⁶, seguindo-se-lhe o de carregador, condutor de carros, criado e mensageiro.

Embora o olhar social do geógrafo francês Jean Elisée Réclus refira que os galegos exerciam em Portugal os misteres de padeiro, carregador, guarda portão, capataz e criado, talvez devamos ater-nos às palavras de William Edward Baxter que, em 1850, refere que eles executavam «all the hard work»³⁷. Trabalho não especializado, que exigia apenas a força braçal, como salienta James Edward Alexander ao elencar os salários de carpinteiros, pedreiros e jornaleiros portugueses. Quanto aos galegos, regista: «are paid according to jobs»³⁸.

É recorrente, aliás, a comparação dos viajantes, entre galegos e portugueses. Como apontamento apenas, lembrarmos na já referida polémica de Camilo com a Rattazzi a célebre comparação entre os galegos e uma certa família aristocrática portuguesa, os Burnay³⁹.

Uma grande parte dos viajantes que passaram por Portugal não deixou de comparar os galegos, enquanto minoria de imigrantes trabalhadores, com outras minorias europeias, como os Suíços do ouro⁴⁰, os Gibeonitas ingleses⁴¹, alguns camponeses da França, os judeus «pobres» de Gibraltar⁴² (Jardine, 1788) ou até com os irlandeses. Mas a comparação com os portugueses é um aspecto que convém assinalar.

35 VASCONCELOS, A. Teixeira de – *O prato d'arroz doce: romance histórico*. Lisboa: [Typographia Portuqueza], 1875, p. 5.

36 Sobre os aguadeiros do Porto escreveu Alberto Pimentel: «os aguadeiros portuenses não andam pela rua oferecendo água, como os de Lisboa. Estão afreguesados, e levam a agoa todos os dias a casas certas. Todos eles são gallegos- Usam chapéu desabado ou bonnet, jaqueta com chapa, e enormes sapatos, quasi redondos, presos com aílhos sobre o peito do pé». PIMENTEL, Alberto – *Guia do viajante na cidade do Porto e seus arrabaldes*. Porto: J.E. da Costa Mesquita, 1877, p. 146.

37 BAXTER, William – *The Tagus and the Tiber; or notes of travel in Portugal and Italy [...]*. Londres: [Richard Bentley], 1852, p. 63.

38 ALEXANDER, James Edward – Ob. cit., p. 210.

39 Cf. CASTELO BRANCO, Camilo – *A senhora Rattazzi*. Porto/Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1880, p. 16-17.

40 SMITH, Alfred Charles – *Narrative of a spring tour in Portugal*. Londres: [Longmans, Green], 1870.

41 BAXTER, William – Ob. cit.

42 [S.a.] [Jardine, Alexander] – *Letters from Barbary, France, Spain, Portugal [...]* by an english officer. Londres: [T. Cadell], 1788.

William Morgan Kinsey compara os galegos com as classes baixas dos portugueses e John Murray sublinha que «these gallegos bear a much closer affinity to the portuguese than to the spanish»⁴³, mas ambos os apontamentos parecem indicar uma apreciação pejorativa para ambos. De facto Kinsey usa os galegos como elemento de comparação e confronto entre os extremos da sociedade Lisboeta, no lugar oposto (inferior) ao dos galegos estavam os nobres, «classe de mendigos titulados» que o clérigo inglês descreve com violência e absoluto desprezo⁴⁴.

Mas, quando Adam Neale⁴⁵, em 1809, ou Marianne Bailie, em 1820, se referem ao «poor galego» parecem fazê-lo com uma entoação menos depreciativa e mais compassiva, já não referente ao modo de vida dos galegos. Eles são, para muitos viajantes, a classe mais explorada e desprezada pelos portugueses, estes ditos como altivos e dominadores, e aqueles como dóceis, obedientes, «poor deluded wretches» que executam todo o trabalho rejeitado pelos primeiros. Como salienta Eugène Street, em 1903, «for generations it has been the costum of these men to do any amount of hard and disagreeable work which the portuguese will not condescend to do themselves»⁴⁶.

Esta ideia sai reforçada do relato de Southey, em 1808, que conta como um inglês do Porto tendo pedido a um português para transportar uma caixa para uma casa próxima, este recusou-se a fazê-lo, afirmando que não era um animal. Chamou-se um galego para levar a caixa⁴⁷.

Deixamos propositamente para o final a categoria **Apreciações estéticas**, que recortamos dos textos dos viajantes. Por apreciações estéticas queremos dizer o conjunto de indicações directas ou sugeridas que nos remetem para o mundo sensorial das cores e dos sons, tais como a policromia e texturas das roupas dos galegos, os seus instrumentos de trabalho, os sons dos seus ofícios e até os gestos ou práticas daqueles imigrantes, sobretudo os que viviam nas cidades do Porto e de Lisboa.

Este é um elemento frequentemente ignorado na análise das fontes históricas e que comporta uma abordagem fenomenológica de leitura da consciência dos indivíduos sobre os objectos, as formas, etc. Tal leitura não pode passar despercebida (e menos a um historiador da Arte) na análise que faz das narrativas de viagem às formulações sobre gosto ou desprezo, o contacto com as realidades humanas e naturais, em suma, referências ao sublime, ao belo e ao pitoresco, conceitos largamente difundidos por este tipo de literatura.

43 MURRAY, John – Ob. cit., p. 29.

44 KINSEY, W. M. – Ob cit., p.78-79.

45 NEALE, Adam – *Letters from Portugal and Spain* [...]. Londres: Richard Phillips, 1809, p. 187.

46 STREET, Eugène E. – *A philosopher in Portugal*. Londres: [T.F. Unwin], 1903, p. 138-139.

47 SOUTHEY, Robert – Ob. cit., volume 2, p. 65.

São, como referimos, mais completas as descrições do modo de vida dos galegos urbanos. E se temos vindo a referir a imigração (e a migração) para os centros urbanos de Lisboa e Porto e menos ou praticamente nada referimos sobre a realidade fora desses meios, é porque as fontes são omissas. Ela existia, porém. Pelo menos no Douro, como indica o *Handbook for travellers in Portugal*, de 1855 que assinala a existência, naquele território, de «gangs» de galegos trabalhadores «usually consisting of about 10 men, under the command of a feitor»⁴⁸. Acrescenta, ainda, um apontamento etnográfico sobre as práticas de carregamento dos cestos das vindimas durienses: os portugueses carregavam-nos à cabeça, os galegos ao ombro. Mas dado que os destinos principais dos viajantes eram as cidades, facilmente acessíveis por terra ou mar, o interior português, ficou esquecido das memórias literárias de muitos viajantes estrangeiros.

O trabalho braçal era, então, o elemento definidor da presença (geracional, talvez) galega, masculina, em Portugal, ao longo do século XIX. Socialmente os galegos ocupavam a base de uma sociedade ainda presa aos valores do Antigo Regime, herdeira do pensamento medieval que marginalizava os mecânicos. As funções que aceitavam executar, algumas repugnantes ou socialmente reprováveis, apartava os galegos até das classes inferiores portuguesas.

O militar Alexander Jardine dá como exemplo os árduos trabalhos de agricultura, que incluíam o transporte de estrume com as próprias mãos⁴⁹, mas uma das mais macabras descrições vem de Edward James Alexander, que a diz ter observado numa igreja portuguesa:

*So also is indecent manner of burying the children of the lower classes; they are taken to the churches and laid on the pavement by the parents, and some of them tricked out in tins and ribbons. When eight or nine are collected, two galegos come in an open shell, and place the tiny bodies in it indiscriminately, and carry them off (heads shaking with the motion and quite exposed) to the narrow bed!*⁵⁰

É em relação aos aguadeiros que colhemos mais e mais ricas descrições. Kinsey fala dos «gallegos with many-colored water-barrells»⁵¹ e a anónima viajante que passou entre 1827 e 1830 por Lisboa fez uma longa apreciação que vale a pena transcrever:

Their visit to Lisbon afforded an inexhaustible source of amusement. The ride from Buenos Ayres replete with interest, to those recently arrived in the country.

48 MURRAY, John – *Handbook for travellers in Portugal*. Londres: John Murray, Albermale Street, 1855, p. 169.

49 [S.a.] – *Letters from Barbary, France, Spain, Portugal [...] by an english officer*. Ob. cit., p. 55.

50 ALEXANDER, James Edward – Ob. cit., p. 235.

51 KINSEY, W. M. – Ob. cit., p. 85

*The Gallegos first attracted attention. They were dressed in bright blue or brown jackets, with white trowseres reaching half way down the leg, and short, coloured velveteen breeches over them. On their heads was a blue or crimson cap; and over their shoulder a wallet, on wich was placed a small barrel. To the breast of their jacket is attached a ticket, indicative of their being under the superintendence of the government*⁵².

Esta descrição deve ser confrontada com a de James Alexander, datada de 1834, que então observou e descreveu os galegos em Vigo:

*The men, the well-know Galegos, or porters of Madrid and Lisbon, were stout fellows, in broad hats, dark vest, white shirts and short wide trousers; they conducted bullock-carts with heavy and creaking wheels, or mules laden with country produce*⁵³.

Outros viajantes, como William Baxter (1852) ou Lady Jackson (1874), referem o som do grito dos aguadeiros, que a escritora britânica traduziu em expressivas onomatopeias.

Lady Jackson que, entre todos os viajantes, é a que mais longamente disserta o modo de vida galego em Lisboa faz uma curiosa observação sobre o colorido dos barris de que eles transportavam (usados, talvez, para diferenciar o seu proprietário?). Na segunda viagem que empreendeu a Lisboa em 1873 estranhou, naquele mundo colorido, diferenças com a sua visita anterior, propondo explicações:

*Of old friends, the Galician Aguadeiro —watercarrier — still remains. His prolonged A-ai! — A-ai! — strikes familiarly on my ear. But his barrel?— that is not the gaily painted one that formerly caught the eye. Three or four of these men have I met on my way down, and all carried barrels of a gloomy leaden or brownish hue. One had a faint streak of red at either end, triste reminder of the time when they were brilliant with stripes, bands, or chequers in every variety of colour. And the Gallego himself is become as dull and dowdy as his barrel. Time was when his costume had something characteristic in it; when a group of Jguadeiros resting on their parti-coloured barrels, or reclining on the steps of some public fountain, formed a very pretty picture ; cool, too, and refreshing to look at. Perhaps the Aguadeiro is conscious of being gradually effaced, washed away by the Waterworks Company*⁵⁴.

52 [S.a.] – *Portugal or the young travellers: being some account of Lisbon and its environs, and of a tour in the Alentejo, in which the customs and manners of the inhabitants are faithfully detailed.* Londres: Harvey and Darton, 1830, p. 24-25.

53 ALEXANDER, James Edward – Ob. cit., p. 7.

54 JACKSON, Catherine Hannah Charlotte – Ob. cit., p. 33.

Anos antes, entre 1827 e 1830, também a já citada anónima senhora reparara nas cores associadas aos galegos – descrição que importa comparar com a gravura no livro de Kinsey (figura 4):

*The Gallegos first attracted attention. They were dressed in bright blue or brown jackets, with white trowsers reaching half way down the leg, and short, coloured velveteen breeches over them. On their heads was a blue or crimson cap; and over their shoulder a wallet, on which was placed a small barrel. To the breast of their jacket is attached a ticket, indicative of their being under the superintendence of the government*⁵⁵.

Outrossim Edward James Alexander assinalou, em 1834, os «stout galegos in loose white trowsers stood by the fountains, waiting for the filling of their blue painted barrels, or carried them about on their shoulders, calling out “Água Fresca”, in a melancholy note»⁵⁶.

Não é apenas o som associado à distribuição de água o único que os galegos executavam. A imagem com que ficamos quando lemos os relatos sobre a sua presença em Lisboa de oitocentos é a de uma constante vozearia e azáfama que incluía sons de passos apressados, cânticos (que refere o anónimo de 1826), o guincho dos carros de bois que eles conduziam e até a constante subserviência manifestada por expressões como «Vossa Excelencia», «Vossa Senhoria», que viajantes como Lady Jackson e Edward Alexander testemunharam e registaram nas suas obras.

Embora claramente identificados como um grupo social, não reconhecemos qualquer alusão a lugares ou áreas de habitação dos galegos nas cidades de Lisboa ou Porto, possível fenómeno de *guetização*, como no caso de outros grupos ou etnias. Ficámos com impressão, depois da leitura de todas as narrativas, que os galegos habitariam nas ruas ou nas praças. Murphy refere, como já vimos, que eles se alojavam nas caves do vinho, nos estábulos e nos claustros; e que em Lisboa, como observa o já citado Wilde, a maioria dormia junto aos fontanários onde diariamente trabalhava.

Mas há três curiosas referências a um momento de congregação dos galegos, uma datada de 1824 da autoria de Marianne Baillie, outra pela mão do anónimo de 1826 e uma outra já no século XX, de 1907, por outra escritora, Alice C. Inchbold⁵⁷.

55 [S.a.] – *Portugal or the young travellers: being some account of Lisbon and its environs, and of a tour in the Alemtejo, in which the customs and manners of the inhabitants are faithfully detailed.* Ob. cit., p. 25.

56 ALEXANDER, James Edward – Ob. cit., p. 55.

57 INCHBOLD, A. Cunick – *Lisbon & Cintra.* Londres: Chatto & Windus, 1907, p. 52.

Todos assinalam a romaria de Santo Amaro, em Lisboa, como ponto de encontro dos galegos, que o tomavam por patrono. É, contudo, o autor de 1826 que nos apresenta a melhor descrição deste culto e da sua romagem:

*S. Amaro is the patron saint of the gallegos and other beasts of burden particularly; and his department being a branch of the Esculapian one, that of curing sore legs, bruised legs, and broken legs, it is no wonder that in this class of men should be found the greatest number of his votaries. No sooner does one of these poor deluded wretches recover the use of a fractured limb, after perhaps three months confinement, than he repairs to S. Amaro's altar, depositing on the steps of the same a bottle of oil to feed the ever-burning lamp of the shrine; and after attaching to some part of the church a little waxen leg, emblematical of that wich has been cured, he prostrates himself for a considerable time befor the image of S. Amaro with the most earnest thanksgiving for performing so miraculous a cure*⁵⁸.

Acerca da religiosidade da comunidade imigrante importa referir, também, o testemunho de Robert Southey sobre a história do criado galego que acreditava que as unhas e os cabelos do corpo de São Tiago Maior continuavam a crescer e que um padre lhos cortava⁵⁹... credulidade religiosa de resto partilhada com os portugueses, como documentam outros viajantes ao longo do século XIX – particularmente atreitos a descrever (ou criticar) fenómenos religiosos e (ou) espirituais.

Conclusão

Não obstante as particularidades da fonte – a literatura de viagens – marcada por uma diversidade de registos, múltipla origem e interesses dos produtores/observadores, a «contaminação» entre obras e a subjectividade de alguns relatos o seu valor é inegável enquanto documento.

Tendo em conta a comparação e confronto dos vários testemunhos e o cruzamento com outras fontes (nomeadamente visuais) é possível utilizar a literatura de viagens para o que convencionámos designar de reconstituição de iconografias de identidade. Uma das características dos grupos sociais e culturas é, afinal, o reconhecimento - seja este interno, pelos seus membros, ou externo, pelos outros - de imagens, ideias ou símbolos que constituem um repositório de elementos visuais identitários.

Aplicada, pois, esta metodologia no recorte e comparação de excertos entre obras literárias de viagem, e sua confrontação, consideramos ter contribuído

58 G., A. P. D. – *Sketches of portuguese life, manners, costume and character*. Ob. cit., p. 75.

59 SOUTHEY, Robert – Ob. cit., volume 2, p. 186.

para o estudo da imagem ou ideia do imigrante galego em Portugal no século XIX a partir da observação de outros estrangeiros. Tal permitiu-nos aferir que, muito embora se trate de uma figura discreta socialmente (e até marginalizada) surge e permanece numa dilatada cronologia reconhecida por viajantes que lhe conferem uma dimensão e uma densidade históricas com características que permanecem numa extensa cronologia (no presente estudo, cerca de um século) e o inscrevem num imaginário (essencialmente urbano) marcado por qualidades sensoriais e estéticas, associadas às suas práticas e vestuário. Não podemos contudo, considerar esta imagem como estável ou imutável.

E embora tratado ou reconhecido como pobre – pobre, como vimos, no duplo sentido de miserável e dominado -, o galego, enquanto figura secundária da sociedade portuguesa (como assim o parecem consagrar alguns literatos nacionais), apresenta-se na linha da frente como elemento notável que prende a atenção de vários observadores.

Creemos por isso ter respondido às questões previamente definidas sobre se a História da Arte podia participar na reconstituição de representações identitárias e contribuir para questionar a apresentação e interpretação de grupos sociais a partir de fontes documentais ou não-visuais.

Assim o confirma o presente trabalho, concorrendo para a renovação do *corpus* de fontes utilizadas pela disciplina e para a aplicação de conceitos e metodologias na sua validação, análise e interpretação.

Artigo recebido em 27/07/2018

Artigo aceite para publicação em 29/08/2018

APÊNDICES

Apêndice 1 – Relação dos viajantes que, nas suas obras a propósito de Portugal, referem os galegos (1788-1907)

FONTE	DATA DA VIAGEM	AUTORIA	DATAS BIOGRÁFICAS	IDADE À VIAGEM	PROFISSÃO	ORIGEM
1788, [Jardine]	1779	Alexander Jardine (1736-1799) – oficial escocês	1736-1799	43	Oficial	Escocês
1795, Murphy	1788	James Cavanah Murphy (1760-1814) – arquitecto e antiquário irlandês	1760-1814	28	Arquitecto	Irlandês
1808, Southey	1795-1796	Robert Southey				
1809, Neale	1808	Adam Neale (?-1832) – médico escocês	?-1832		Médico	Escocês
1824, Baillie	1820-1822	Marianne Baillie (1735-1831) – escritora inglesa	1735-1831	85	Escritora	Britânica
1826, G.	1826	[Anónimo]				
1829, Kinsey	1829	William Morgan Kinsey (1788-1851) – clérigo inglês	1788-1851	41	Clérigo	Britânico
1830, Conder	1830	Josiah Conder (1789-1855) escritor, jornalista e conhecido abolicionista inglês	1789-1855	41	Escritor	Britânico
1830 [Portugal or the young lovers]	1827-1830?	[Anónimo] – do diário de uma senhora				
1832, Smith	1830-31?	John Gordon Smith (1792-1833) – médico e militar escocês	1792-1833	38	Médico	Escocês
1835, Alexander	1834	Alexander, James Edward (1803-1885) – militar, escritor e viajante britânico	1803-1885	31	Oficial	Britânico
1835, Lovell	1835	Lovell Benjamin Badcock (1786-1861) – foi um general e aristocrata britânico	1786-1861	49	Oficial	Britânico
1840, Wilde	1837-1840	William Robert Wills Wilde (1815-1876)	1815-1876	22	Médico	Irlandês



Figura 1 - Aguaeiros do Chafariz de Dentro. Fotografia de Joshua Benoiel, c. 1907. Arquivo Municipal de Lisboa PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/JBN/000090



Figura 2 - Um aguaeiro de Lisboa. Bilhete postal ilustrado. Col. Nuno Resende



Figura 3 - O «gallego d'esquina», publicado em «Archivo Pittoresco» (1859)



Engraving Published May 17 1829 by Messrs. Trevellick, Murray and Co. No. 54. St. Pauls Church Yard.

Figura 4 - Galegos aguadeiros segundo W. M. Kinsey (1829)

